

## **Prêmio Alfred Jurzykowski e testemunho cristão de um cientista\***

Dr. Newton Freire-Maia

(...)

Recebi com imensa alegria a notícia de que havia sido galardoado com o Prêmio Alfred Jurzykowski. Acrescido ao meu *curriculum vitae*, ele eleva enormemente o gabarito médio deste, valorizando, de forma substancial, todos os demais títulos que recebi ao longo de minha vida. (...) Somos muito gratos à Academia Nacional de Medicina pela distinção que nos concedeu. Eu, pelo menos, de minha parte, não tenho palavras para agradecer tamanha generosidade. Cientista há 46 anos e vivendo sempre para a ciência com vencimentos algumas vezes insuficientes para a tranqüila sobrevivência da família, recebo o prêmio Alfred Jurzykowski como reconhecimento de meu ideal e do meu esforço. Graças a Deus, eles nunca se abateram diante das múltiplas e variadas dificuldades que tive de enfrentar. (...)

Prêmios como este procuram reconhecer o trabalho realizado pelos cientistas no seu dia-a-dia, ao longo dos anos, na procura incansável da solução de alguns problemas. Nesse sentido, representam inestimáveis reforços à luta da ciência em prol de seus dois objetivos fundamentais: o conhecimento pelo conhecimento (também chamado de ciência básica) e o conhecimento para uma aplicação que seja útil à humanidade. O cientista não deve ser um tecnólogo, mas, se sua ciência se encaminha para o terreno das aplicações, não pode ele, obviamente, interromper o seu trabalho a meio-caminho; pelo contrário, deve prosseguir-lo com ímpeto igual e talvez com maior determinação.

---

\* Publicamos aqui as partes substanciais do discurso proferido pelo prof. Freire-Maia por ocasião de sua distinção com o Prêmio Alfred Jurzykowski, em 15 de outubro de 1991.

Desenvolvendo-se no meio social, a ciência em processo de se fazer deve depender da ética. Um mundo em que a ciência fosse absolutamente livre de realizar tudo o que quisesse seria um mundo marcado pela insensibilidade moral. Por este motivo, não se deve desejar uma ciência livre de todas as peias — mas, pelo contrário, uma ciência que esteja a serviço do povo e limitada em seus vãos pelos imperativos morais. Por exemplo, é anti-ético manter embriões humanos congelados para futuros experimentos ou para simples destruição. Cada eliminação de uma vida humana — por mais primitiva que nos possa parecer (por exemplo, nos primeiros estágios do desenvolvimento embrionário) — significa o assassinato de um ser humano. E nossa formação moral não permite (ou melhor, não deveria permitir) a destruição de vidas humanas em seu nascedouro. Isto não significa que uma gástrula humana seja igual a uma criança recém-nascida ou a uma outra que já tenha 10 anos de idade. Não são iguais, pelo simples fato de que representam estágios diversos de diferenciação ao longo de um processo. Mas, apesar disto, os três possuem a marca da humanidade, que está bastante (mas não totalmente) desenvolvida na criança de 10 anos, muito atrasada no recém-nascida e invisível, mas presente, na gástrula.

Tem-se chamado de aborto “terapêutico” o que se realiza quando o embrião humano possui, por exemplo, uma malformação grave ou uma síndrome dismórfica com alta probabilidade de levar o portador à morte. O emprego da palavra “terapêutico” nesse contexto é visivelmente indevido, pois a terapia jamais pode visar à destruição do afetado. Pelo contrário, deve fazer todo o possível para dar-lhe plena higidez ou, o que é mais comum nos distúrbios hereditários, mantê-lo tão próximo da normalidade quanto possível através de recomendações e tratamentos que possam decrescer o grau de sua patologia. Mas há, no embasamento de toda essa discussão, um filosofia que é radical, isto é, que vai às raízes do problema. Os que admitem que o embrião ou o feto sejam partes do organismo da mãe (como um pé ou uma orelha) e que a mãe tem o direito de fazer de seu corpo o que bem entender (tese que não aceito), certamente acharão que o abortamento se assemelha à amputação de um dedo ou à extração de um dente. Com esse ponto de vista, qualquer abortamento provocado poderia ser aceito como permissível, não sendo preciso que se acumulem pseudo-razões com a finalidade de justificá-lo. Há, no entanto, os que, como eu, acham que o embrião, por mais primitivo que seja, já tem uma vida humana e que a ontogenia é um *continuum* de fenômenos sem a presença de patamares que separam o que pudesse ser pré-humano do que passasse a ser realmente humano. Neste caso, não há justificativas para o assassinato do conceito. Como já disse varias vezes o Papa João Paulo II, a ética deve estar acima da técnica assim como o Homem deve pairar acima das coisas.

Vivemos num mundo em que o progresso da tecnologia foi avassalador. O nosso aprimoramento moral não acompanhou, no entanto, o ritmo do desenvolvimento tecnológico. Por isto, continuamos talvez com uma moral próxima

da que teria caracterizado o *Homo erectus* nas vésperas de se tornar *Homo sapiens* ou mesmo da que caracterizava o *Homo sapiens* nascente, há algumas centenas de milhares de anos, acoplada à técnica do *Homo sapiens sapiens* dos fins do século XX, isto é, da humanidade de hoje. Theodosius Dobzhansky, um dos maiores cientistas deste século e maior co-criador da moderna teoria sintética da evolução, em um de seus livros menos conhecidos (*The Biology of Ultimate Concern*, New York: New American Libr., 1967), declarou que o Homem deve ter começado a transcender sua animalidade talvez há cerca de 1.700.000 anos e que esse processo continua no Homem moderno (p. 52). Mas esse início de transcendência ainda estava muito distante do que teria ocorrido com a emergência da nossa espécie, assim como ainda estamos muito longe do ideal da vida cristã, elaborado ontem, isto é, há menos de 2.000 anos. Nossa evolução morfológica foi rápida, mas nossa evolução moral tem sido lenta.

A evolução dos seres vivos é um processo que revela direção inegável do mais simples ao mais complexo e o aparecimento do Homem — criando a noosfera — significa o rompimento de um patamar e a tomada de uma direção muito mais profunda. Por isto, estou certo de que, dentro da magnífica visão teilhardiana, temos ainda um longo processo de evolução psicossocial e moral a vencer para nos aproximarmos cada vez mais do ponto Ômega — Deus na plenitude de nossa *preocupação última* (nas palavras perfeitas do teólogo protestante Paul Tillich) e Cristo no mistério insondável de sua concretude humana e divina.

Cada progresso científico amplia a consciência de nossa ignorância mais profunda, uma vez que sempre nos abre a visão de novos problemas a resolver, dos quais antes não tínhamos a menor idéia. O progresso da ciência faz-nos ver, pois, cada vez mais, como nada sabemos do que significam a ultimidade de Deus e a provisoriedade de tudo o mais. É neste ponto que a fé religiosa assume o seu insubstituível papel. Fé religiosa — afirmativa serena que ultrapassa o borbulhar da dúvida e a ela se impõe. Segundo Thomas Merton (*O Diário da Ásia*, Belo Horizonte: Vega, 1978, p. 241), homem de fé é aquele que realiza a proeza de fazer a sua fé superar as suas dúvidas, desta forma impondo-se a elas, mas sem totalmente destruí-las. Superadas, elas podem permanecer como fonte de inquietude. Mas aí já atuam dominadas pela fé, refreiasdas pela graça de Deus.

A juventude, marcada por auto-suficiência e revolta, costuma decretar a morte da infância. Mas esta não desaparece assim tão facilmente. Apenas dormita sob as preocupações e os afazeres da idade adulta, para despertar mais tarde, quando vai chegando a velhice com sua marcante valorização do passado. E é assim que, comumente, os primeiros anos da vida se tornam cada vez mais dominadores à medida que passa o tempo. Senhoras e senhores: sejamos fiéis à nossas infâncias e façamos com que as crianças que fomos ontem estejam sempre presentes nos adultos que somos hoje. Eu não posso esquecer a criança que fui e que, com o passar do tempo, se torna cada vez

mais presente no homem que sou hoje, Não posso esquecer a pequena e mineiríssima cidade de Boa Esperança em que nasci há 73 anos. Com suas ruas encascalhadas ou poeirantas; com as casuarinas do largo da Igreja Matriz onde fui batizado e crismado; com os ciprestes em frente do cemitério velho; com o cinema mudo que tanto falava à nossa sensibilidade; com os carnavais com corsos de automóveis interligados por serpentinas sem fim; com o futebol jogado no beco que ficava ao lado da nossa casa; com as lutas intermináveis entre mocinhos e bandidos no vasto quintal cheio de mistérios; com Tia Adelina que sempre vinha nos visitar, bem instalada num carro de bois, de sua fazendinha na serra; com a Prudenciana rezadeira que se encarregava de orar por toda a cidade; com o grupo escolar onde todo o mundo fazia o curso em quatro anos, mas eu gastei seis; com tantos tios, primos e demais amigos, mortos para a vida mas cada vez mais vivos na saudade amarga que cresce dia a dia. Entre tantas lembranças que renascem cada vez mais fortes à medida que se distanciam no tempo, sobressaem o amor a a ternura dos meus pais, o carinho e a bondade do meu avô paterno e minha avó materna, e a graça e a doçura das seis outras crianças que nasceram no lar em que fui cronologicamente o primeiro. Do meu avô paterno, guardo bem mais do que o carinho e a bondade. Guardo, acima de tudo, o seu amor e sua total dedicação à ciência. Vivia estudando ou fazendo experimentos e observações em seu laboratório, onde, como naturalista amador, estava sempre preocupado com coisas que eu mal podia entender. Meu avô faleceu em 1930 e ressuscitou três anos depois quando, no seu primeiro neto, despontou e teve crescimento exponencial algo que a atual massificação da pesquisa científica tornou um tanto obsoleto: o amor à ciência. (...)

Peço a Deus que abençoe esta Academia. (...) Que ele nos ilumine para que possamos manter a ciência sempre voltada para o bem da humanidade. A medicina tem um papel de primeira linha nessa verdadeira cruzada pela vida. Que Deus abençoe os médicos em sua luta a favor da vida! Que Deus transforme a grande Utopia da igualdade de direitos para todos os homens numa luminosa e abençoada realidade! Que todas as pessoas de todos os povos da Terra — filhos de Deus e nosso irmãos — sejam igualmente beneficiados com as riquezas geradas pela inteligência e pelo trabalho de todos! E que as crianças que conseguiram nascer sejam todas tratadas em condições de plena igualdade, com saúde e esperança. Na graça de Deus.

Prof. Dr. **Newton Freire-Maia**, geneticista, conta entre os maiores cientistas do Brasil. Professor emérito da UFPR e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, autor de numerosas publicações especializadas, no Brasil e no exterior, brindou-nos nestes últimos anos com valiosos ensaios sobre as Ciências e sua epistemologia: *Criação e Evolução: Deus, o Acaso e a Necessidade* (Petrópolis: Vozes, 1986); *Teoria da Evolução: de Darwin à Teoria Sintética* (Belo Horizonte, Itatiaia / São Paulo: EDUSP, 1988); *A Ciência por dentro* (Petrópolis: Vozes, 1991).

**Endereço:** Universidade Federal do Paraná — 80000 Curitiba-PR